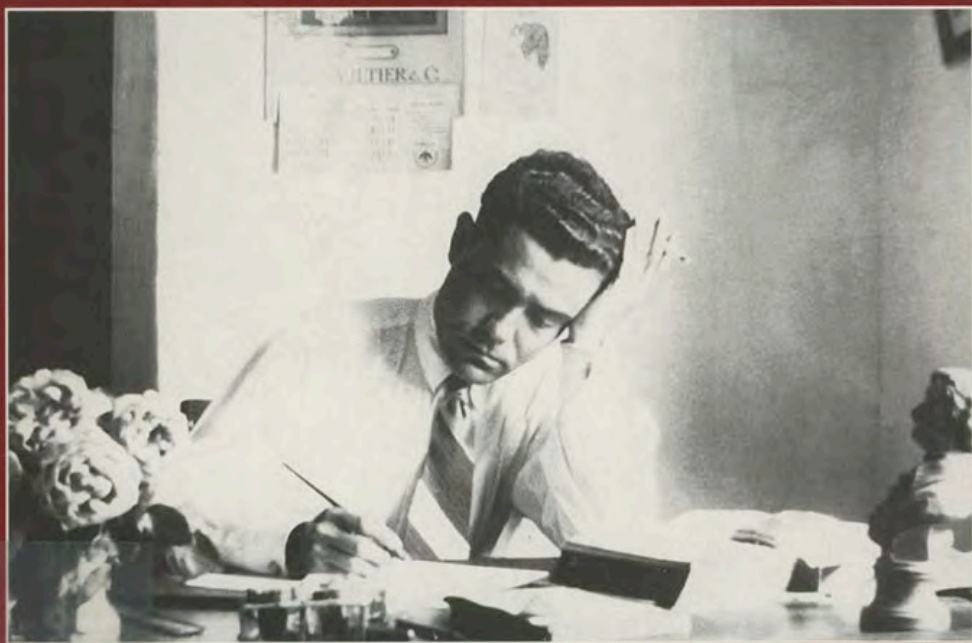


JOÃO PEDRO DE ANDRADE

A INIMIGA DOS HOMENS
EVA E SUA FILHA

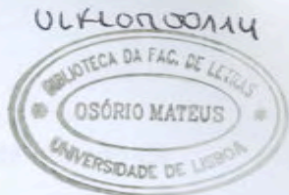
OBRAS COMPLETAS



TEATRO — III

Carta de José Régio para o Autor


ACONTECIMENTO



JOÃO PEDRO DE ANDRADE

TEATRO — III

A INIMIGA DOS HOMENS



EVA E SUA FILHA

Carta de José Régio a João Pedro de Andrade



ACONTECIMENTO



Título: **TEATRO III — A Inimiga dos homens • Eva e sua filha**

Autor: **João Pedro de Andrade**

Revisão: **Sílvia Andrade**

Composição, Paginação e Grafismo:

ACONTECIMENTO

Estudos e Edições, Lda.

Capa, Impressão e Acabamento:

PENTAEDRO, Publicidade e Artes Gráficas, Lda.

Pt^a. da República, Lj.B

2675-183 Póvoa de Santo Adrião

Tel. 21 938 10 74 - Fax 21 938 10 83

Colecção **NATÁLIA CORREIA**

Direcção Editorial de **João Marques de Almeida**

© 2000

ACONTECIMENTO

Estudos e Edições, Lda.

R. Gil Vicente, 24-Atelier

1300-283 Lisboa

Tel./Fax 21 362 33 09

Depósito Legal N.º 158487/00

ISBN 972-8011-33-4

Carta de José Régio a João Pedro de Andrade quando da publicação de uma sua peça na *Presença*:

Bérguia
Portalegre

1939
Abril de 1939

Prezado camarada:

Desculpe-me esta

demora. Não foi a leitura das suas peças que me tomou todo este tempo: li-as logo que as recebi. Mas queria escrever-lhe devagar e esporadicamente. Afinal... para quê? Além de que acho muito desanimado as cartas que come por escrito escrevo como quem escreve um ensaio, — o que tempo de principal a dizer-lhe é o simples; e pode ser dito ao correr da pena, e conforme sair. Costei muito das suas peças... e julgo não me ter enfiado gotas do. O que nas suas críticas me chamara a atenção não fora tanto a justiça ou não justiça dos juízos (requisitos meus juízos me pareciam justíssimos, outros, ~~como~~ o crítico João Fales, pareciam-me injustos) como sobretudo, um tom de quem diz as coisas sabendo o que diz, com um saber de experiência feita. O João Pedro de Andrade afigurou-se-me um daqueles homens — raro em Portugal — que têm um conhecimento íntimo profundo, pelo menos de certos aspectos da vida, e desse conhecimento se atribuem quando escrevem. Esses, não interessantes somente quando erram ou se enfiam: as suas palavras podem não ter a novidade própria a certos talentos brilhantes e os... mas elas que é preferível, nesta coisa das letras, o bom cheiro, sendo, numa palavra num homem sendo pequeno homem, e que é preciso ter coisas em si para poder interessar os outros. Ora através dos seus artigos e críticas, o João Pedro de Andrade parecia-me um desses homens que têm o direito de escrever por alguma coisa terem, de facto, a dizer aos seus

antes. Por isto lhe pedi colaboração para a presen-
ta. Não tive grande tomada na minha descoberta,
 pois já outros tinham descoberto o mesmo. E por isto
 esperei e li com grande curiosidade as suas peças. O-
 ra no meu entender, as suas peças conferem em um
 modo muito superior ao das minhas críticas isto que
 eu apresentara: O João Pedro de Andrade tem coisas
a dizer; e isto que parece um mínimo de sciência
 sahir d'um escriptor que tenha coisas a dizer — mas o
 é; pelo menos, em na minha linguagem. Além d'isto
 o João Pedro de Andrade é sem dúvida uma vocação de
dramaturgo. O seu dialogo logo me surpreendeu (do
 eupe, eu devia escolher outro verbo...) pela rara quasi-
 dade de meu ser vulgar, mesmo empolado; isto é; de
 ter a estilização necessária a todo o dialogo de tea-
 tro, e adequada ao assumto, personagens, meios, etc. Mas
 não achii menos notável a simplicidade, digamos
 nudez, depuração, com que a accão caminha despre-
 zando todo o desnecessário, todo o superfluo, — ou a
 vida que anima os personagens, tão diferentes dos net-
 ricos bonecos que por ai nos apresentam em cena.
 Perante estas qualidades importantísimas, meu tacho
 a minima vontade de entrar nemna arbitria crí-
 tica miúda e restritiva: Naquella vida própria que adqui-
 rem personagens de ficção (lem "Continuação da Condi-
ção") poder-se-á, talvez, descobrir um eco de Piran-
 dello. E adirindo, pois o não chego a escurtatar, meu sei
 que do Thesen em certas falas ou no ambiente de
"Uma no' vez na vida". Porém Thesen é daqueles grandes
 mestres com quem todos podem aprender sem sacrificar a
 sua originalidade própria (isto mesmo é o que caracteri-
 za os Mestres autênticos...) e qualquer ingratia que o Pi-
 ranello lhe tenha dado não diminuiu o interesse e a
 originalidade da sua peça num acto. A verdade minha
 e erua, muito simplesmente dita, é esta: Eu fi

quasi entusiasticamente com as suas peças. E o que me admira, posto em Portugal não sejam estas coisas muito para admirar, é que o João Pedro de Andrade tenha escrito estas peças, e outras, e seja desconhecido como autor dramático. Não terá o Amalheiro comprado alguma das algumas peças suas? É preciso lutar, teimar, impor-se. Eu gostaria poder fazer alguma coisa para o ajudar nessa empresa. Mas que posso eu senão escrever? Se consente em publicar na "Presença" A Continuação da Comédia, (e digo esta não porque Uma só vez na vida lhe não seja ainda superior, que o é, mas por que a sua estilsação dificulta mais o cam) terei escrito verdadeiros praques. Tivhamos esboçado começar a publicar desde o próximo número uma peça inédita de Alfredo Cortês — "Baton". Mas não recebemos, até hoje, notícia duma resolução definitiva do autor. A sua peça, a pareceria já no próximo número, no caso de não vir a d'elle, que tem primazia por uma simples questão de prioridade de tempo. Uma revista tem as suas exigências de equilibrio no género da colaboração publicada, e por isto poderia este primeiro número da nova revista da "Presença" parecer conter demasiado teatro, no caso de trazerem a público as duas peças. Já em outros números se poderia melhor admiti-lo. Concedendo outras peças suas, (que teria muito gosto em receber), e obedecendo a uma das intenções da "Presença", que é estar ao serviço dos verdadeiros talentos que vierem apharesco, eu escreveria uma nota critica um pouco séria sobre um dramaturgo inédito. Fico esperando uma resposta sua, e non o meu camarada

e o admirador

P. S. — Por já ser hoje tarde, he não devolve o meu original de Uma só vez na vida. Para he devolver o outro, fahero a tua resposta.

João Régio

"Boavista
Portalegre, Abril de 1939

Prezado camarada:

Desculpe-me esta demora.

Não foi a leitura das suas peças que me tomou todo este tempo: Li-as logo que as recebi. Mas queria escrever-lhe devagar e longamente. Afinal... para quê? Além de que adio sempre demasiado as cartas que me proponho escrever como quem escreve um ensaio, – o que tenho de principal a dizer-lhe é simples; e pode ser dito ao correr da pena, conforme sair: Gostei muito das suas peças... e julgo não me ter enganado gostando. O que nas suas críticas me chamara a atenção não fora tanto a justeza ou não justeza dos juízos (se alguns seus juízos me pareciam justíssimos, outros, tal o sobre o João Falco, pareciam-me injustos) como, sobretudo, um tom de quem diz as coisas sabendo o que diz, "com um saber de experiência feito." O João Pedro de Andrade afigurou-se-me em daqueles homens – raros em Portugal – que têm um conhecimento íntimo, profundo, pelo menos de certos aspectos da vida, e nesse conhecimento se estribam quando escrevem. Esses, são interessantes mesmo quando errem ou se enganem: As suas palavras podem não ter a sonoridade própria a certos talentos brilhantes e ocios... mas claro que é preferível, nesta coisa das letras, o som cheio, surdo, duma pancada num muro denso. Julgo eu que se não pode ser grande escritor sendo pequeno homem, e que é preciso ter coisas em si para poder interessar os outros. Ora através dos seus artigos e críticas, o João Pedro de Andrade parecera-me um desses homens que têm o direito de escrever por alguma coisa terem, de facto, a dizer aos seus semelhantes. Por isso lhe pedi colaboração para a *presença*. Não tive grande mérito na minha descoberta, pois já poutros tinham descobrido o mesmo.

E por isso esperei e li com grande curiosidade as suas peças. Ora no meu entender, as suas peças confirmam dum modo muito superior ao das suas críticas isso que eu pressentira: O João Pedro de Andrade *tem coisas a dizer*; e isto que parece um mínimo de exigência, exigir dum escritor que tenha coisas a dizer, – não o é; pelo menos, cá na minha linguagem. Além disso, o João Pedro de Andrade é sem dúvida uma vocação de dramaturgo. O seu diálogo logo me surpreendeu (desculpe, eu devia escolher outro verbo...) pela rara qualidade de nem ser vulgar nem empolado; isto é: de só ter a estilização necessária a todo o diálogo de teatro, e adequada ao assunto, personagens, meio, etc. Mas não achei menos notável a simplicidade, digamos nudez, depuração, com que a acção caminha desprezando todo o desnecessário, todo o supérfluo, – ou a vida que anima os personagens, tão diferentes dos retóricos bonecos que por aí nos apresentam em cena. Perante estas qualidades importantíssimas, nem tenho a mínima vontade de entrar numa análise crítica miúda e restritiva: Naquela vida própria que adquirem personagens de ficção (em "*Continuação da Comédia*") poder-se-á, talvez, descobrir um eco de Pirandello. E adivinho, pois o não chego a constatar, nem sei quê do Ibsen em certas falas ou no ambiente de "*Uma só vez na vida*". Porém Ibsen é daqueles grandes Mestres com quem todos podem aprender sem sacrificar a sua originalidade própria (isto mesmo é o que caracteriza os mestres autênticos...) e qualquer sugestão que o Pirandello lhe tenha dado não diminui o interesse e a originalidade da sua peça num acto. A verdade nua e crua, muito simplesmente dita, é esta: Eu fiquei entusiasmado com as suas peças. E o que me admira, posto em Portugal não sejam estas coisas muito para admirar, é que o João Pedro de Andrade tenha escrito estas peças, e outras, e seja desconhecido como autor dramático. Não terá o meu prezado camarada alguma culpa nisso? É preciso lutar, teimar, impor-se. Eu queria poder fazer alguma coisa por o ajudar nessa empresa. Mas que posso eu senão escre-

ver? Se consente em publicar na *presença* a "*Continuação da Comédia*", (e digo esta não porque "*Uma só vez na vida*" lhe não seja ainda superior, que o é, mas porque a sua extensão dificulta mais o caso) terei nisso verdadeiro prazer. Tínhamos combinado começar a publicar desde o próximo número uma peça inédita de Alfredo Cortêz - "*Bâton*". Mas não recebemos, até hoje, notícia duma resolução definitiva do autor. A sua peça apareceria já no próximo número, no caso de não vir a dele, que tem primazia por uma simples questão de prioridade de tempo. Uma revista tem as suas exigências de equilíbrio no género da colaboração publicada; e por isso poderia este primeiro número da nova série da *presença* parecer conter demasiado teatro, no caso de saírem a público as duas peças. Já em outro número se poderia melhor admiti-lo. Conhecendo outras peças suas, (que teria muito gosto em conhecer), e obedecendo a uma das intenções da *presença*, que é estar ao serviço dos verdadeiros talentos que vierem aparecendo, eu escreveria uma nota crítica um pouco desenvolvida sobre *um dramaturgo inédito*. Fico esperando uma resposta sua, e sou o seu camarada e admirador

José Régio

P.S. - Por já ser hoje tarde, lhe não devolvo o seu original de "*Uma só vez na vida*". Para lhe devolver o outro, espero a sua resposta."